

Marielle, presente!

Lugar de fala, luta e resistência ¹

Marielle, presente!

Place of speech, struggle and resistance²

Déborah Veviani da Silva³

Resumo

A partir de notícias falsas que circularam na rede, após o assassinato de Marielle Franco, busca-se pensar quais as narrativas que vão sendo construídas sobre a suposta trajetória da vereadora e como esses discursos apropriam-se de ideias presentes no imaginário coletivo, para elaborar – por meio de um jogo narrativo com identidades de sujeitos historicamente subalternizados – uma retórica colonialista. Essas notícias, mesmo não sendo obviamente verdadeiras, por trafegarem em espaços midiáticos potentes, através das redes, acabam servindo como território narrativo de construção de discurso de ódio, misoginia e ataques às minorias.

Abstract

Through fake news that circulated on the internet, after the murder of Marielle Franco, this paper seek to think which narratives are being built about the supposed trajectory of the councilwoman and how these discourses appropriated ideas present in the collective imagination, to elaborate – through a narrative game with identities of historically subordinated subjects – a colonialist rhetoric. These news, while not obviously true, serving as a narrative territory for the construction of hate speech, misogyny and attacks on minorities, because it circulates in powerful media spaces through internet.

Palavras-chave

Lugar de fala; Narrativa; Feminismo;

Keywords

Place of speech; Narrative; Feminism;

¹ Trabalho apresentado no GT 4 - Comunicação, narratividade e discursos midiáticos, do XV Poscom PUC-Rio, realizado de 6 a 9 novembro de 2018, na cidade do Rio de Janeiro.

² Na tradução do título para o inglês, optou-se por manter a expressão “Marielle, presente!”, em razão de seu valor simbólico em seu sentido original.

³ Doutoranda em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da ECO-UFRJ, linha de pesquisa de Mídia e Mediações Socioculturais; integrante do Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia Política da Informação e da Comunicação/PEIC – ECO – UFRJ. E-mail: deborah.veviani@gmail.com.

1. Introdução

Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou foi a PM.⁴

Essa foi apenas uma das notícias falsas (*fake news*⁵) que circulou na Internet logo após o assassinato⁶ da vereadora carioca Marielle Franco em 14/03/2018, executada com pelo menos 4 tiros na cabeça⁷. O crime ocorreu no bairro do Estácio, região central do Rio de Janeiro, durante o retorno da vereadora para sua casa, após ela participar de um evento na Lapa intitulado “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, na Casa das Pretas⁸ – um espaço destinado a encontros, trocas, produção e prática de saberes específicos da vivência das mulheres negras.

O assassinato de Marielle Franco repercutiu fortemente não apenas nos veículos midiáticos brasileiros, mas também sobretudo na mídia internacional⁹ de maneira surpreendentemente intensa, trazendo em várias matérias tanto elogios ao trabalho da vereadora, quanto duras críticas ao Estado.

Nos Estados Unidos, os principais veículos de comunicação falaram sobre o assassinato de Marielle: *The Washington Post*, *New York Times* e *ABC* publicaram em suas páginas na Internet a notícia da morte brutal da vereadora carioca. O *The Guardian*, jornal britânico, chamou atenção para, segundo a publicação, aquele que seria o último *tweet*¹⁰ de Marielle Franco: "Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?". O jornal peruano *El Comercio* também falou sobre o crime contra a vereadora carioca, sinalizando ainda que Marielle era uma dura crítica da

⁴Manteve-se a grafia original. Mensagem publicada pelo deputado Alberto Fraga em seu perfil no *Twitter*, dias após o assassinato de Marielle Franco. Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/conselho-de-etica-instaura-processo-que-pode-levar-a-cassacao-do-deputado-alberto-fraga.ghtml> >. Acessado em 27/07/2018.

⁵As *fake news* (notícias falsas) vêm se espalhando com uma velocidade cada vez maior, sobretudo, graças ao poder de disseminação desses boatos via redes sociais, seja através de posts e/ou perfis falsos que são criados justamente com esse intuito. A preocupação entre diversas entidades sociais é tão grande acerca do assunto que recentemente O Globo lançou a seção *Fato ou Fake* (grifo meu) para verificar a autenticidade das notícias. Ver mais sobre isso em < <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/o-globo-lanca-fato-ou-fake-para-checagem-de-conteudo-suspeito-22930724>>. Acessado em 28/07/2018.

⁶Ver mais em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acessado em 27/07/2018.

⁷Ver mais detalhes sobre o crime em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/24/o-que-se-sabe-sobre-as-mortes-de-marielle-franco-e-anderson-gomes.ghtml>. Acessado em 27/07/2018.

⁸Ver mais em https://www.facebook.com/pg/CasaDasPretas1/about/?ref=page_internal. Acessado em 14/07/2018.

⁹Disponível em < <https://oglobo.globo.com/rio/imprensa-internacional-repercute-morte-de-marielle-franco-no-rio-22491307>>. Acessado em 14/07/2018.

¹⁰ De maneira geral, *tweet* é o termo designado para publicação de uma mensagem feita no Twitter.

intervenção federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro. Já *Paris Match*, revista francesa, destacou que o crime contra a vereadora gerou grande comoção no Brasil.

O espanhol *El País* afirmou que, "mesmo em uma cidade acostumada com a violência, como o Rio, o crime provocou uma grande comoção". A *BBC* destacou que a parlamentar foi, no último mês, nomeada relatora na comissão que acompanhará o andamento da intervenção federal nas favelas do Rio. A reportagem da rede britânica ainda lembrou uma publicação no *Twitter* feita um dia antes do crime, em que Marielle Franco questionou a atuação da Polícia Militar após a morte de um jovem inocente.

Enquanto o *News Deeply*, site de notícias de Nova York, também destacou o assassinato de Marielle em sua página na Internet – cujo título da reportagem foi: "Das favelas à vereadora, lutando pelos direitos das mulheres no Rio" – a *Televisión del Sur*, televisão estatal com sede na Venezuela, afirmou que Marielle faz parte de uma geração de jovens negros que está tendo voz na sociedade e no Estado brasileiro.

No Brasil, a morte da quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro – eleita com mais de 46 mil votos, durante as eleições de 2016¹¹ – comoveu não apenas familiares, amigos e movimentos sociais, mas também artistas e intelectuais que se posicionaram e prestaram homenagens à Marielle em suas redes sociais¹².

No entanto, logo após o assassinato da vereadora, juntamente com a dor e a comoção causadas pela notícia de sua morte – sobretudo também junto aos movimentos e entidades sociais que a acompanhavam de perto, durante o seu mandato – uma verdadeira enxurrada de notícias falsas circularam em diversos *sites*, como também em aplicativos de trocas de mensagens.

Desde uma foto na qual ela supostamente apareceria no colo de um homem (que seria o Marcinho VP¹³), até um suposto vídeo, no qual ela teria feito um discurso defendendo marginais: muitas foram as notícias falsas que se originaram após o brutal assassinato de Marielle Franco. A quantidade e intensidade dos boatos foram tão grandes que apareceram diversas reportagens

¹¹ Ver mais em < <https://exame.abril.com.br/brasil/quem-era-marielle-franco-vereadora-do-psol-assassinada-no-rj/>>. Acessado em 30/07/2018.

¹² Ver mais em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/famosos-e-intelectuais-repercutem-morte-da-vereadora-marielle-franco-no-rio.ghtml>. Acessado em 30/07/2018.

¹³ Apelido dado a Márcio dos Santos Neponuceno, de 41 anos, que está preso há 21, condenado por tráfico de drogas e por ser mandante de um duplo homicídio. Recentemente ele fez revelações sobre a relação com o ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Ver mais em < <https://noticias.r7.com/camera-record/marcinho-vp-faz-revelacoes-sobre-sergio-cabral-e-morte-de-tim-lobes-16042018>>. Acessado em 16/07/2018.

desmentindo, notícia a notícia, os boatos que surgiam, sobretudo nas redes sociais, sobre a vereadora. Essas notícias falsas deturpavam não só sua história de vida, como também depreciavam fortemente sua imagem e distorciam ferozmente sua trajetória política.

O portal de notícias *GI*, do Grupo Globo, chegou a elaborar uma matéria numa seção chamada “É ou não é”¹⁴, com o intuito de checar boa parte dos boatos que estavam circulando na rede sobre a vereadora carioca, desmentindo-os. Dentre as notícias falsas, estava a informação de que Marielle Franco havia engravidado com 16 anos de idade e que a mesma foi eleita pelo Comando Vermelho. Da mesma forma, o site do UOL, a partir de uma seção intitulada “UOL Confere”, destinada à checagem e esclarecimento de fatos (segundo o próprio portal), trouxe com grande destaque o seguinte título: “Marielle não foi casada com Marcinho VP nem eleita pelo Comando Vermelho”¹⁵.

Vale salientar ainda que o compartilhamento dessas notícias falsas, que muitas vezes atacaram de maneira extremamente depreciativa e caluniosa a imagem da vereadora, ganhou força quando o então deputado federal Alberto Fraga publicou em seu perfil no *Twitter*¹⁶ a mensagem que serve de epígrafe para abrir este trabalho¹⁷. Nela, o deputado se utiliza de um tom visivelmente irônico para elencar as supostas informações que caracterizariam, segundo ele, a vida, conduta e trajetória de Marielle Franco. Chamando-a de mito da esquerda, logo em seguida o parlamentar traz na mesma mensagem uma série de informações mentirosas que visam, por meio da organização de seu discurso, atingir não apenas a imagem da vereadora, mas também obviamente da própria esquerda.

Coronel reformado da PM do Distrito Federal e um “expoente da Bancada da Bala”¹⁸, o então parlamentar Alberto Fraga, filiado do Partido Democratas (DEM), já foi condenado por porte ilegal de arma em 2013. Porém como foi o deputado mais votado em 2014, no Distrito Federal, “o

¹⁴ Ver mais em < <https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/marielle-engravidou-aos-16-foi-casada-com-o-trafficante-marcinho-vp-ignorava-as-mortes-de-policiais-nao-e-verdade.ghtml>>. Acessado em 14/07/2018.

¹⁵ Ver mais em < <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2018/03/18/marielle-foi-casada-com-marcinho-vp-e-eleita-pelo-comando-vermelho.htm>>. Acessado em 14/07/2018.

¹⁶ Rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos. Ver mais em < <https://twitter.com/?lang=pt-br>>. Acessado em 18/08/2017.

¹⁷ “Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou foi a PM.”

¹⁸ Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/politica/autor-de-ofensa-a-marielle-deputado-fraga-tem-historico-de-problemas>>. Acessado em 01/08/2018.

cumprimento da pena, então, ficou condicionado a uma batalha jurídica que permitiu a Fraga se manter no cargo¹⁹. Além disso, numa gravação de 2009 obtida pela *TV Globo*, Alberto Fraga aparece reclamando dos baixos valores das propinas pagas por cooperativas de transporte²⁰.

Todo histórico do deputado serve para desenhar de maneira bastante clara o perfil de Alberto Fraga, que inclusive responde a processo disciplinar instaurado em abril deste ano pelo Conselho de Ética da Câmara para analisar sua conduta em função da publicação feita em sua rede social sobre a vereadora do PSOL²¹.

A partir das considerações trazidas pela obra “O que é lugar de fala?”, de Djamila Ribeiro (2017), e da análise de notícias falsas que circularam na rede, após o assassinato de Marielle Franco, busca-se pensar quais as narrativas que vão sendo construídas sobre a suposta trajetória da vereadora e como esses discursos apropriam-se de ideias presentes no imaginário coletivo, para elaborar – por meio de um jogo narrativo com identidades de sujeitos historicamente subalternizados – uma retórica colonialista. Essas notícias, mesmo não sendo obviamente verdadeiras, por trafegarem em espaços midiáticos potentes, através das redes sociais, acabam servindo como território narrativo de construção de discurso de ódio, misoginia e ataques às minorias²². Nesse contexto, o lugar fala de Marielle passa a ser não apenas desrespeitado e desautorizado, mas tenta-se também interditá-lo.

2. Quem é Marielle Franco?²³

Entender quem era, de fato, a vereadora Marielle Franco faz-se fundamental para que se possa dimensionar e, ao mesmo tempo, analisar criticamente as motivações por trás de toda repercussão e, sobretudo, possíveis razões e significados de seu assassinato. Embora o caso seja tratado como sigiloso pelo Ministério Público e Polícia Civil, o crime é entendido como uma

¹⁹ Disponível em na mesma fonte da nota anterior.

²⁰ Disponível em < <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/em-audio-alberto-fraga-reclama-do-valor-de-suposta-propina-no-transporte-ouca.ghtml>>. Acessado em 01/08/2018.

²¹ Ver mais em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/conselho-de-etica-instaura-processo-que-pode-levar-a-cassacao-do-deputado-alberto-fraga.ghtml>> Acessado em 01/08/2018.

²² Termo utilizado no sentido de igualdade em direitos humanos.

²³ Mesmo estando morta, ela ainda se faz presente no contexto dos ativismos políticos, por isso a escolha em homenageá-la, mantendo o verbo ser flexionado no presente do indicativo.

execução, pelas autoridades envolvidas no caso²⁴, o que, portanto, faz com que o assassinato da parlamentar seja passível de ser pensado como um crime político.

Mulher, negra, mãe, lésbica, socióloga pela PUC-RJ, “cria da favela Maré”²⁵, Marielle, que também é Mestre em Administração Pública pela UFF, teve como tema de dissertação as UPPs²⁶. Sua pesquisa, que recebeu como título “UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro”²⁷, tinha como objetivo, em linhas gerais, “demonstrar que as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), enquanto política de segurança pública adotada no Estado do Rio de Janeiro, reforçam o modelo de Estado Penal absolutamente integrado ao projeto neoliberal.” (FRANCO, 2014, p.11).

Além disso, segundo informações do seu gabinete, Marielle Franco “trabalhou em organizações da sociedade civil como a *Brasil Foundation* e o Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM). Ela também coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), ao lado do deputado estadual Marcelo Freixo”²⁸.

Seus Projetos de Lei foram completamente inseridos nas demandas relativas às necessidades cotidianas das mulheres, sobretudo das mais pobres. Alguns exemplos são o Projeto de Lei #AssédioNãoÉPassageiro²⁹, que propõe ações para encorajar as mulheres a denunciar o assédio sofrido no transporte público, além de impor multa às empresas de ônibus que descumprirem a Lei; e a Lei 0265/2017, relativa às Casas de Parto, aprovada em Junho de 2017, que visa, de maneira geral, estimular a criação de mais casas de parto, principalmente nas zonas de menor Índice de Desenvolvimento Humano do município³⁰. A vereadora também trabalhava

²⁴ Ver mais em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/24/o-que-se-sabe-sobre-as-mortes-de-marielle-franco-e-anderson-gomes.ghtml>>. Acessado em 14/07/2018.

²⁵ Para mais informações, ver em < <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>>. Acessado em 14/07/2018.

²⁶ Segundo site da própria entidade, as Unidades de Polícia Pacificadora consistem em “um dos mais importantes programas de Segurança Pública realizado no Brasil nas últimas décadas”. Ver mais em < http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp>. Acessado em 01/08/2018.

²⁷ FRANCO, Marielle. UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. UFF: Niterói, 2014. Disponível em < <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf>>. Acessado em 18/07/2018.

²⁸ Para mais informações ver em < <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>>. Acessado em 28/07/2018.

²⁹ Ver mais em < <https://www.assedionaoepassageiro.mariellefranco.com.br/>>. Acessado em 28/07/2018.

³⁰ Ver mais em < <https://www.mariellefranco.com.br/projetos-de-lei-marielle-rio>> e < <https://www.facebook.com/MarielleFrancoPSOL/photos/a.219501235102143.1073741829.212989092420024/426708624381402/?type=3&theater>>. Acessados em 28/08/2018.

incessantemente no Projeto de Lei 0016/2017, cujo objetivo em linhas gerais era “garantir o direito a um atendimento humanizado e sem violência às mulheres que estão em situação de aborto legal”³¹.

Após sua morte, Luyara Santos, de 19 anos, filha de Marielle Franco, desabafou por meio de uma publicação no seu perfil pessoal no *Facebook* com a seguinte mensagem: "Mataram a minha mãe e mais 46 mil eleitores! Nós seremos resistência porque você foi luta!"³².

Através da mensagem, verifica-se que a representatividade de inúmeras pessoas (e, principalmente, de minorias) eram refletidas em Marielle. Ela, ao representar tantas dessas pessoas, conseguia entender com toda legitimidade o lugar das mães, das filhas, da população que mora nas favelas e comunidade do Rio de Janeiro. Conseguia compreender, sobretudo, o lugar da mulher negra e de todas as questões que orbitam esse lugar. Aqui mostra-se necessário pensar este lugar, do ponto de vista da localização social, a partir do lugar que este indivíduo ocupa na sociedade. Daí, a partir dessa perspectiva, pode-se começar a dimensionar o significado da perda de alguém como Marielle Franco.

Recém nomeada como uma das relatoras na Comissão de Representação da Câmara Municipal em Brasília, para acompanhar a Intervenção Federal na Segurança Pública Fluminense (segundo reportagem do G1³³), em seu último pronunciamento na Câmara dos Vereadores, no dia 08 de Março de 2018, Marielle perguntava ao microfone: “Nesse período, por exemplo, em que a intervenção federal se concretiza na intervenção militar, eu quero saber como ficam as mães e os familiares das crianças revistadas? Como ficam as médicas que não podem trabalhar nos postos de saúde? Como ficam as mulheres que não têm acesso à cidade?”³⁴. Destemida e determinada, Marielle não se encaixava na visão romântica que o senso comum tem da figura da mulher.

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições de violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva

³¹ Ver mais em < <https://www.prafazervaler.mariellefranco.com.br/>>. Acessado em 28/07/2018.

³² Disponível em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/filha-de-marielle-franco-desabafa-mataram-minha-mae-e-mais-46-mil-eleitores.ghtml> >. Acessado em 14/07/2018.

³³ Ver mais em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/em-mandato-na-camara-marielle-franco-defendeu-minorias.ghtml>>. Acessado em 14/07/2018.

³⁴ Trecho transcrito do discurso proferido por Marielle Franco, que pode ser visto em vídeo intitulado “Último pronunciamento de Marielle Franco antes de ser executada no Rio de Janeiro”, disponibilizado na plataforma em 15 de março de 2018, através do endereço < <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA&t=37s>>. Acessado em 15/07/2018.

em face desses deuses de figura humana que definem seus fins e valores. Nesse sentido, há verdade no slogan que a condena a permanecer “uma eterna criança”; também se dizia dos operários, escravos negros, dos indígenas colonizados que eram “crianças grandes”, enquanto não os temeram; isso significava que deviam aceitar, sem discussão, verdades e leis que outros homens lhe propunham: o quinhão da mulher é a obediência e o respeito (...). (BEAUVOIR, 2016, p. 408)

Contrariando a expectativa social denunciada por Simone de Beauvoir acerca do comportamento da mulher e completamente ciente da sua representatividade (e da potência do seu lugar de fala) ainda na ocasião do Dia Internacional da Mulher, Marielle fez a seguinte declaração na Câmara:

As rosas da resistência nascem do asfalto: a gente recebe rosa, mas a gente vai ‘tá’ com o punho cerrado também falando do nosso lugar de vida e resistência (...) dos mandos e desmandos que afetam as nossas vidas. (...) O vereador... na última semana, que falava do processo de violência sofrido pelas mulheres no Carnaval, me questionava de onde eu tirava os dados apresentados. As mulheres quando saem às ruas na manifestação (...) fazem porque entre 83 países o Brasil é o sétimo mais violento. E aí volto a repetir: dados da Organização Mundial de Saúde (...) esse quadro segue piorando, aumentando 6,5 no último ano. Por dia, são 12 mulheres assassinadas no Brasil. O último dado que a gente tem no Estado do Rio de Janeiro figuram de 13 estupros por dia.³⁵

Djamila Ribeiro faz um chamado para que pensemos o feminismo sob a luz da diversidade de mulheres e de suas respectivas realidades, que o movimento deve (ou deveria) compreender.

(...) um grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher. Esse debate de se perceber as várias possibilidades de ser mulher, ou seja, do feminismo abdicar da estrutura universal ao falar de mulheres e levar em conta as outras intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero, foi atribuído mais fortemente à terceira onda do feminismo, sendo Judith Butler um dos grandes nomes. (RIBEIRO, 2017, p. 21)

Nesse sentido, o lugar de fala de Marielle está fortemente inserido na lógica da diversidade aludida pela autora. Combatendo pragmaticamente a ideia perigosa do feminismo hegemônico e de quem ele de fato representa, a parlamentar nomeia as mulheres que configuram identidades historicamente não abraçadas e/ou visibilizadas pelo próprio movimento feminista.

Essas mulheres são muitas: mulheres negras, mulheres lésbicas, mulheres trans, mulheres camponesas, mulheres que constroem essa cidade, onde diversos relatórios – queiram os senhores

³⁵ Trecho transcrito do discurso proferido por Marielle Franco, na Câmara dos Vereadores, na ocasião do Dia Internacional das Mulheres. Ver mais em < <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA&t=37s> >. Acessado em 15/08/2018.

ou não – apresentam a centralidade e a força dessas mulheres, mas apresentam também os números, como o *Intercept*³⁶ publicou: um dossiê de lesbocídio (...) No ano de 2017 houve uma lésbica assassinada por semana. Lesbocídio é um conceito que as mulheres lésbicas estão cunhando, assim como nós avançamos no debate com relação a homicídio impetrado por mulheres que se constituiu no feminicídio, dados que mostram a realidade absurda, mas que sim vitima a nossa diversidade. As mulheres negras, por exemplo, quando passam na rua ainda tem homem que tem a ousadia de falar do quadril largo, da bunda grande, do corpo: como se a gente estivesse no período de escravidão. Não estamos, querido. Nós estamos num processo democrático: vai ter que aturar mulher negra, trans, lésbica, ocupando a diversidade dos espaços.³⁷

3. Poderia a Marielle falar?

Parafraseando o título do livro de Gayatri Spivak (2010), a pergunta que abre esta parte do trabalho, na verdade, é respondida pela própria trajetória de vida (pessoal e política) de Marielle Franco. Oriunda de um lugar subalternizado – e completamente ciente disso – a socióloga não se deteve ao que lhe era dado, mas ao entender a necessidade de tudo que representava se fazer presente em espaços de poder, buscou se materializar enquanto sujeito histórico e narrativo nesses espaços. Ainda segundo Spivak, “o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de prioridades globais” (2010, p. 126). No entanto, a intensa militância de Marielle e o grande reconhecimento de suas ações, tangibilizado nas comoções que se sucederam após a sua morte, denunciam que os apontamentos realizados pela autora foram atualizados e ressignificados.

Em entrevista concedida ao canal Eu, Rio! TV, Mônica Benício, viúva de Marielle, diz ter certeza sobre a intenção do crime e sobre o que a vereadora representava:

Sou convencida de que foi um crime político (...) Ela era uma expressão de resistência, e a resistência dela “tava” expressa ali, no corpo dela: mulher, negra, lésbica, favelada (...) que na hora de se pronunciar fazia isso sem nenhum medo, convicta do que “tava” defendendo. Ela era muito competente tecnicamente e tinha muito carisma. Eu acho que pra quem não tá interessado em ver alguém que represente de verdade os interesses do povo no poder, a Marielle era um perigo³⁸.

Aqui pode-se pensar que Marielle ressignificou inclusive a palavra povo, pois para ela, ao contrário muitas vezes do discurso hegemônico, ele também compreendia minorias. O perigo de não se questionar visões hegemônicas reside justamente na estagnação e marginalização de

³⁶ Ver mais em < <https://theintercept.com/2018/03/07/lesbicas-mulheres-mortes/>>. Acessado em 02/08/2018.

³⁷ Trecho transcrito do mesmo vídeo citado anteriormente.

³⁸ Trecho transcrito do vídeo referente à entrevista concedida por Mônica para o canal Eu, Rio! TV disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=efECONALrUs> >. Para mais informações, ver em < <http://eurio.com.br/noticia/97/monica-benicio-eu-me-vejo-num-contexto-da-vida-que.html> >. Ambos acessados em 17/07/2018.

indivíduos que, embora existam historicamente, foram por bastante tempo (e de muitas formas ainda o são) apartados da participação em processos sociais importantes, decisivos e, conseqüentemente, tornando-se invisíveis nas pautas e agendas, além de inexistentes nos espaços de poder.

Portanto, “Entender a narrativa na sua dimensão de construção de um lugar de pertencimento no mundo” (Ricoeur, 1994, 1996 e 1997 apud Barbosa, 2016, p. 32) mostra-se um viés legítimo para se reivindicar a inclusão da voz dessas mulheres tão diversas nesses espaços que durante muito tempo lhes foram negados.

Um mandato de uma mulher negra, favelada, periférica, precisa ‘tá’ pautado junto aos movimentos sociais, junto à sociedade civil organizada, (...) pra nos fortalecer naquele local onde a gente objetivamente não se reconhece, não se encontra, não se vê. A negação é o que eles apresentam como nosso perfil, então ter a nossa casa, ter o nosso lugar, ter o nosso período, ter o nosso lugar de resistência – daí fazer esse evento no bojo das atividades do ‘21 dias de ativismo’, que a gente sabe que a gente está ativa, tá militando e tá resistindo o tempo todo, mas como os períodos onde a gente se fortalece na luta. (...) que a gente consiga passar pelo nosso autocuidado, pelas nossas dores, pela nossa resistência, pelo nosso lugar, do nosso corpo fala, da nossa cor que fala, da nossa raça que fala, do nosso gênero que fala na síntese das mulheres pretas na Casa das Pretas.³⁹

Essa ideia de negação é explícita e perpassa inclusive a trajetória do próprio movimento feminista, enquanto projeto filosófico, pois “se, para Simone de Beauvoir, a mulher é o *Outro* por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba⁴⁰, a mulher negra é o *Outro do Outro*, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade” (RIBEIRO, 2017, p. 38 – grifos da autora). Portanto nomear é, sem dúvida, um artifício retórico potente para romper com essa negação na busca por esses espaços de poder, uma vez que “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias pra uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 41). Dessa maneira, “a insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que parte desse ser mulher seja visto” (Idem). E logicamente só se nomeia, aquilo que você conhece ou tem algum tipo de contato, portanto é na vivência de cada mulher que se constrói um entendimento diverso acerca de suas respectivas demandas, que precisam ser acolhidas, vistas e ouvidas, sobretudo pelo movimento feminista. Atribuir visibilidade a essas

³⁹ Trecho transcrito do discurso feito por Marielle durante o evento “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, na Casa das Pretas, no dia 14/03/2018, momentos antes de seu assassinato. Ver mais em <<https://www.youtube.com/watch?v=meKepBFqSs8>>. Acessado em 14/07/2018.

⁴⁰ Grada Kilomba é escritora e professora do Departamento de Estudos de Gênero da Humboldt Universität, em Berlim.

necessidades, dores e questões é tarefa importante para elaborar um movimento que, de fato, seja minimamente representativo.

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para as mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses ‘todos’ ou quanto cabem nesses ‘todos’? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. (RIBEIRO, 2017, p. 41)

Segundo Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2012, p. 10). Entendendo a narrativa enquanto território de disputa de poder, ao analisar a forma como certos espaços são ocupados, percebe-se que a ausência de certas identidades na construção do discurso desvela um vácuo permanente na representação de parte da sociedade, enquanto sujeitos políticos e narrativos. Dessa forma, a avaliação das estruturas narrativas e seus respectivos recursos retóricos constituem assim importante ferramenta teórico para o trabalho, uma vez que segundo o próprio autor “a análise do discurso não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação” (FOUCAULT, 2012, p. 66).

Ainda sob a luz do pensamento foucaultiano, além do comentário, percebe-se também outro princípio de rarefação do discurso: o autor. Foucault o define como “aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (2012, p. 26). E nesse real histórico – ilustrado pela trajetória política de Marielle, seu brutal assassinato e os desdobramentos discursivos que se sucederam: traduzidos em comoções e homenagens, de um lado e, em *fake news*, de outro – pode-se pensar como a partir dos mesmos signos constrói-se retóricas tão diferentes e, em certa medida, completamente críveis pelos mesmos motivos.

A cantora Elza Soares fez em seu perfil no *Twitter* uma publicação na ocasião do assassinato de Marielle em que dizia “Das poucas vezes que me falta a voz. Chocada. Horrorizada. Toda morte me mata um pouco. Dessa forma me mata mais. Mulher, negra, lésbica, ativista, defensora dos direitos humanos. Marielle Franco, sua voz ecoará em nós. Gritemos.”⁴¹. Elza descreve assim cada uma das representações que Marielle carregava e que, com sua conduta política tão atuante e ativa,

⁴¹ Disponível em <<https://twitter.com/ElzaSoares/status/974129681535504391>>. Acessado em 17/07/2018.

acabava por reivindicar espaços de poder para a afirmação e participação narrativa de cada um desses sujeitos historicamente discriminados, daí sua legitimidade para falar e exigir.

A grande maioria das pautas de seus projetos nasceram de sua própria realidade: dos preconceitos, mazelas e carências que sofreu. O respeito que ela tinha, vislumbrado fortemente nas homenagens e comoções que se sucederam a sua morte, foi edificado a partir do seu lugar de fala, da conquista desse lugar e de sua generosa partilha.

O mandato é composto 80% de mulheres, porque a gente entende que o lema que a gente fala de ‘uma mulher sobe e puxa a outra’ precisa ser concretizado. Uma escritora que eu gosto muito, Chimamanda, fala que isso só vai ser alterado se as mulheres que estão nos espaços de poder, de fato trouxeram (...) abraçarem, acolherem, construir com outras mulheres. Se esse Parlamento é formado apenas por 10, 13% de mulheres, nós somos a maioria na rua, e sendo a maioria na rua, somos força: exigindo a dignidade, o respeito das identidades, onde infelizmente, o que tá colocado aí nos vitima ainda mais. (...)⁴²

Djamila Ribeiro em seu livro “O que é lugar de fala?”⁴³ (2017), explica que as pessoas falam de algum lugar, logo, todos têm um lugar de fala, que não deve ser confundido com representatividade. Em outras palavras, não se precisa ser negro para falar de racismo, porém o indivíduo branco falará a partir de outro lugar: a partir do seu lugar de pertencimento. Em contrapartida, é importante entender que quando se fala a partir de um grupo privilegiado, faz-se necessária a compreensão de que estes privilégios foram construídos a partir da opressão de outro grupo. Segundo a autora, talvez essa ideia de lugar de fala possa incomodar indivíduos localizados em grupos privilegiados, pois estes sempre se perceberam como universais. É importante frisar ainda que a partir do seu lugar de fala, de pertencimento a um grupo, o indivíduo pode, através da sua perspectiva, se perceber enquanto privilegiado e se responsabilizar para construir uma outra realidade.

A preocupação e urgência em falar sobre o feminismo negro perpassa todo o livro de Djamila Ribeiro, e mesmo dentro do pensamento do feminismo hegemônico, as vozes dessas mulheres negras já ecoavam, embora não fossem, de fato, ouvidas. Nesse sentido, através de grandes expoentes do movimento feminista negro e a partir da análise das produções de sentido

⁴² Trecho transcrito do discurso proferido por Marielle Franco, na Câmara dos Vereadores, na ocasião do Dia Internacional das Mulheres. Ver mais em < <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA&t=37s> >. Acessado em 15/08/2018.

⁴³ RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

que se sucederam dentro do contexto socio-histórico do feminismo contra-hegemônico, a autora afirma que “os trabalhos e as obras de González também têm como proposta a descolonização do conhecimento e a refutação de uma neutralidade epistemológica. (RIBEIRO, 2017, p. 26)

Paralelo a isso, “Em Intelectuais Negras, Bell Hooks fala sobre o quanto as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista” (2017, p. 28). Ainda sobre essas percepções, as contribuições dos trabalhos de Linda Alcoff mostram-se primorosas na medida em que a filósofa “critica a imposição de uma epistemologia universal que desconsidera o saber das parteiras, povos originários, a prática médica de povos colonizados, a escrita de si na primeira pessoa e que se constitui como legítima e com autoridade para protocolar o domínio do regime discursivo” (2017, p. 27). Logo, ao refletir acerca dessa imposição de uma dada epistemologia universal, percebe-se a urgência de se pensar outros saberes: exercício que torna imprescindível o olhar e a escuta atentos sobre a ideia de lugar de fala.

Assim, do ponto de vista do feminismo, Djamilia Ribeiro deixa claro que o mesmo não é algo hegemônico e expõe didaticamente a necessidade de torná-lo, por meio de um movimento dialógico e dialético, algo mais consistente e justo: capaz de interligar as pautas das mulheres, não meramente em sua totalidade, mas sim em toda sua diversidade.

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder (...) Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar como o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2017, p. 69-70)

Esse regime de autorização discursiva aludido pela autora, se explicita historicamente no “uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar” (RIBEIRO, 2017, p. 31), sendo que para apreender de que forma isso opera, precisa-se “entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades” (Idem).

A partir dessa perspectiva de autorização discursiva e utilizando a repercussão da morte de Marielle como recorte analítico, pode-se avaliar o jogo narrativo construído a partir de algumas *fake news*. Essas notícias, mesmo não sendo obviamente verdadeiras (e posteriormente podendo ser

rapidamente desmentidas), por trafegarem em espaços midiáticos potentes, através das redes, acabam servindo como território narrativo de construção de discurso de ódio, misoginia e ataques às minorias: evidenciando não apenas preconceitos, mas tornando os autores das mentiras – que operam como sujeitos, travestidos de notícia – força motriz de um discurso que passa a ser autorizado. Com a imediata repercussão causada pelo impacto do conteúdo que essas pseudonotícias produzem, cria-se e reforça-se narrativamente uma lógica discursiva que deprecia e tenta deslegitimar não apenas essas identidades sociais, já historicamente tão afastadas do protagonismo discursivo, mas também operando para desautorizá-las nos espaços de poder.

Mesmo sendo rapidamente contestadas, checadas e desmentidas, essas notícias falsas, quando são protagonizadas por minorias, podem alcançar um resultado muito perigoso do ponto de vista narrativo. Assim, os signos que auxiliaram na construção da autenticidade de Marielle como uma representante legítima de identidades sociais marginalizadas podem ser apropriados pelo discurso dos grupos dominantes, que ao articularem esses mesmos signos sob a lógica hegemônica, acabam por colocar em xeque as recentes conquistas desses sujeitos. O impacto das *fake news* tem assim como consequência (sobretudo em relação às minorias), no mínimo, a imputação da dúvida no imaginário social sobre a real trajetória, importância e seriedade desses indivíduos que protagonizam as supostas notícias.

Em outras palavras, e efetuando uma breve análise do discurso na mensagem publicada pelo deputado federal Alberto Fraga⁴⁴, após o assassinato da vereadora, o fato dela ser uma mulher negra e favelada⁴⁵, por exemplo, é rapidamente absorvido no jogo retórico que ele constrói para colocá-la, hábil e facilmente, no lugar de esposa de traficante, defensora de marginais, usuária de drogas ilícitas e eleita por facção criminosa – além de ainda sugerir que o motivo do seu assassinato possa ter sido provocado pelas próprias ações de Marielle, sendo o crime segundo ele, possivelmente, uma espécie de represália pelas hipotéticas demissões que ela haveria efetuado⁴⁶. Outro exemplo

⁴⁴ “Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou foi a PM.”. Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/conselho-de-etica-instaura-processo-que-pode-levar-a-cassacao-do-deputado-alberto-fraga.ghtml> >. Acessado em 27/07/2018.

⁴⁵ O termo era utilizado pela própria vereadora em vida diversas vezes para designar sua origem social e, por isso, escolheu-se mantê-lo.

⁴⁶ Muitas foram as *fake news* produzidas durante a repercussão da morte de Marielle, porém para o efeito deste trabalho opta-se por trabalhar com a mensagem publicada por Alberto Fraga por duas razões: além de ter sido uma das notícias falsas que foi mais compartilhada, ela traz em seu conteúdo a síntese das principais *fake news* sobre o caso.

prático disso, é a publicação realizada pela desembargadora Marília Castro Neves, em seu perfil pessoal no *Facebook*, por ocasião do assassinato de Marielle:

A questão é que a tal Marielle não era apenas uma ‘lutadora’, ela estava engajada com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu ‘compromissos’ assumidos com seus apoiadores. Ela, mais do que qualquer outra pessoa ‘longe da favela’ sabe como são cobradas as dívidas pelos grupos entre os quais ela transacionava. [...] A verdade é que jamais saberemos ao certo o que determinou a morte da vereadora, mas temos a certeza de que seu comportamento, ditado por seu engajamento político, foi determinante para seu trágico fim. Qualquer coisa diversa é mimimi da esquerda tentando agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro ⁴⁷.

Busca-se aqui provocar a indagação se seria igualmente possível construir a mesma notícia falaciosa, caso a Marielle, mesmo sendo uma parlamentar, fosse de direita, conservadora, heterossexual e residente em área nobre da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo. Quando se imagina o oposto, em termos de localização social, percebe-se como o lugar de fala de Marielle, que é obviamente oriundo do grupo ao qual ela pertence, acaba sendo, mesmo depois de sua morte, desrespeitado, desautorizado e, sendo ele visto pelo poder dominante como subalternizado, tenta-se também interdita-lo – o que provoca um impacto bastante negativo para as minorias, que não perderam apenas uma voz, mas alguém que era visibilizada e, portanto, ouvida. Essa tentativa de apagamento não denuncia apenas uma rixa política, mas sim uma disputa narrativa que visa desautorizar os poucos e recentes espaços de poder ocupados por essa minoria.

Para se estabelecer um contraponto dos questionamentos que se deseja efetuar neste trabalho, é interessante avaliar outra notícia que teve forte repercussão durante os eventos que se sucederam após a morte de Marielle.

Gisele Palhares Gouveia, 34 anos, cuja profissão era salvar vidas atuando como médica, foi assassinada ontem na Linha Vermelha (RJ) com 2 tiros na cabeça após uma tentativa frustrada de assalto. Gisele, embora mulher, não era negra, não era pobre, não era feminista, não era militante de partidos políticos, não frequentava os círculos LGBT, não era MST, CUT ou PSOL, não estava dentro dos programas de assistência e cotas do governo. Enfim, não preenchia os requisitos necessários para uma mobilização nacional, tampouco que merecesse a menor atenção dos direitos humanos. Ela, assim como eu e você, não era ninguém! Os bandidos??? Ah! Esses passam bem, obrigado! :/ ⁴⁸

⁴⁷ Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/desembargadora-que-postou-fake-news-sobre-marielle-causa-polemica-desde-1986-quando-foi-presa/>. Acessado em 01/08/2018.

⁴⁸ A publicação, que à princípio parece ter sido feita pelo Pastor Cláudio Duarte, tem a data oculta e, segundo informações do G1, consta não ser do perfil do então pastor. Ver mais em < <https://g1.globo.com/e-ou-nao->

De acordo com informações contidas no G1, mesmo tendo sido publicada aparentemente por suposto perfil do Pastor Claudio, a mensagem, de fato, não pertence a ele. Para efeitos do presente trabalho, a autoria de tal publicação é algo de importância menor, visto que a ideia central aqui é pensar o conteúdo da mesma, analisando-o discursivamente, na tentativa de entender como as apropriações dos lugares de fala dessa vítima – a médica Gisele Palhares – operam dentro do jogo narrativo proposto para questionar a repercussão da morte de Marielle para, em seguida, diminuí-la – a partir do momento que usa de hipotéticos elementos característicos da trajetória de vida da vereadora para depreciar a dimensão simbólica de sua morte.

Além da crueldade de se usar a figura de uma mulher para deslegitimar a morte (e vida) de outra mulher, cada um dos signos pertinentes à pessoa de Marielle vão sendo usurpados e destituídos de importância, quando passam a configurar, dentro da narrativa proposta pela publicação, um lugar de comoção e importância que à priori deveria ser comum a qualquer pessoa – desprezando a dimensão simbólica da morte da vereadora. Porém, não são todos que possuem o perfil socioeconômico da médica – visto que ela é uma mulher, branca, com alto grau de instrução, médica e de alto poder aquisitivo. Curiosamente, são muitos os que correspondem ao perfil socioeconômico de Marielle, mas são poucos deste grupo (e, portanto, deste lugar de fala) que alcançam tamanha visibilidade. Logo, é estranho que incomode a repercussão de alguém que representa a maioria na sociedade, mas quando pensamos que o incômodo resida talvez por ela estar numa localização social historicamente castrada de sua potência, e há muito silenciada, o embaraço se explica.

Além disso, é importante salientar que a morte da médica foi em 2016, contrariando o entendimento, segundo a ocasião da repercussão dessa notícia, de que o crime tivesse ocorrido no mesmo período que o de Marielle. Essa confusão com as datas em que ambos os crimes ocorreram fez com que o próprio apresentador Fausto Silva incorresse no erro mencionando ambas as mortes durante um programa ao vivo, colocando-as como concomitantes⁴⁹.

e/noticia/marielle-engravidou-aos-16-foi-casada-com-o-trafficante-marcinho-vp-ignorava-as-mortes-de-policiais-nao-e-verdade.ghtml>. Acessado em 02/08/2018.

⁴⁹ Ver mais em < <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/faustao-marielle-franco-fake-news.html>>. Acessado em 01/08/2018.

Obviamente o intuito das proposições feitas aqui não é mensurar a atenção midiática atribuída às tragédias mencionadas, mas novamente pensar o perigo de fomentar (e reivindicar) o esvaziamento da importância fortemente simbólica da morte de Marielle. E, para além disso, igualmente relevante é pensar, do ponto de vista da análise do discurso, como as tensões narrativas em ambos os casos operam para depreciar apenas a imagem de Marielle, o que sob a ótica do feminismo negro impacta e aciona diretamente uma de suas principais pautas: “o ato de restituir humanidades negadas”. (XAVIER, 2017)⁵⁰

A morte da médica, que recebeu cobertura midiática, aconteceu de fato em junho de 2016⁵¹, no entanto, é interessante verificar, em termos de autoridade discursiva, como a notícia sobre o assassinato de Gisele não se apropria do lugar de fala dela para difamá-la, mas sim para caluniar a outra, Marielle – que é, de acordo com tudo que se propôs aqui, a outra da outra.

Referências

BARBOSA, Marialva. *Escravos e o mundo da comunicação: oralidade, leitura e escrita no século XIX*. 1.ed. Rio de Janeiro: Maud X, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3.ed. Ed. vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p.407-439

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*. UFF: Niterói, 2014. Disponível em < <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf> >. Acessado em 18/07/2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UGMG, 2010.

XAVIER, Giovana. *Direitos autorais de uma prática linda e preta*. Folha de S. Paulo, 19 jul. 2017. Disponível em < https://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/?loggedpaywall#_=_ >. Acessado em 18/07/2018.

⁵⁰ Disponível em < https://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/?loggedpaywall#_=_ >. Acessado em 18/07/2018.

⁵¹ Ver mais em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/medica-e-morta-durante-tentativa-de-assalto-na-linha-vermelha.html> >. Acessado em 18/07/2018.